

MARIOLOGIA E IDEOLOGIA

*Ivone Margarida Bock
Maria Angela V.M.F. Almeida*

INTRODUÇÃO

Querer tirar da Mariologia seu componente e conteúdo ideológico em nome de um purismo de fé ou racionalismo teológico, é tirar-lhe a força, reduzir-lhe o alcance e a penetração transformadora, assim como a razão de ser, impedindo-a de cumprir seu papel e sua missão evangelizadora. Esta só se realiza na forma de apelo que pede adesão e na qual estão presentes elementos ou componentes não tanto racionais, mas subjetivos e mesmo emocionais, sentimentais, graças aos quais as utopias vão se realizando de alguma forma ou maneira em algum lugar, mas sempre abertas a um constante chegar.

A mariologia nos leva justamente a perceber que a fé não é algo fechado, estático e imutável, mas que está sempre aberta ao gostoso Espírito da liberdade históri-

ca, sempre voltada ao provisório, ao relativo e ao futuro, entretanto sempre fiel a seus princípios e valores fundantes.

Percoeremos agora algumas etapas que contém a proposta-eixo deste tema e que nos auxiliará numa concreta reflexão.

1. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A partir de algumas formulações mariológicas detectadas na história e na prática religiosa, elaboramos uma crítica que permitiu identificar as relações intrínsecas entre "*Produção Teológica X Produção Mariológica*".

Esta crítica possui como chave de interpretação "o pobre e seu direito à vida". É a partir da garantia de seus direitos ou da ocultação ou mascaramento de situações onde estes direitos são viola-

dos, que faremos o julgamento da autenticidade e fidelidade evangélica das mariologias.

O metodologia aplicada inclui uma ampla pesquisa histórica, na qual procuramos levantar as situações sócio-político-econômicas, onde foram geradas determinadas mariologias, tentando ao mesmo tempo perceber em qual camada da população ela se originou e se expandiu, e quais camadas ela atingiu. É fundamental que questionemos a destinação e a carga dos conteúdos mariológicos e verifiquemos que "tipo de Maria" é proposto à imitação e devoção que leva em consideração dois fatores:

1) **Maria, a mulher semita do período pré-pascal segundo o contexto do judaísmo pós-exílico;**

2) **Maria, pós-pascal, apropriada pelos cristãos em diversas épocas, em diversos contextos, a partir de interesses e várias motivações, a fim de contrapor os diferentes conteúdos mariológicos aos princípios evangélicos.**

2. IDEOLOGIA - ELABORAÇÃO E REVISÃO DE DETERMINADOS CONCEITOS

A esta expressão são atribuídos vários conteúdos, intimamente ligados à várias correntes do pensamento que brotaram a partir de diferentes lugares sociais com diferentes tipos de abordagem e comprometimento social.

Dentre os vários conceitos de "ideologia" nos reportamos primeiramente ao de **Durkheim**, que diz ser ideológico todo conhecimento da sociedade que não respeita a regra fundamental da objetividade científica - "a separação do sujeito do conhecimento do objeto do conhecimento" - o que garantiria ao cientista a necessária neutralidade. Ideológico é o resto, o que sobra das idéias antigas, pré-científicas, sinônimo de subjetividade oposta à objetividade. É a substituição dos "fatos" por "idéias" que tenham a respeito deles. Constitui os "ídola" - espécie de fantasmas que desfiguram o verdadeiro aspecto das coisas, como sendo as próprias coisas.¹

Para o teólogo **Enrique Dussel**,

ideologia (seja política, erótico-machista ou pedagógica), é um discurso concreto que justifica a ação dominadora ocultando-a. Segundo ele, o pensamento crítico que nasce nas periferias, termina sempre sendo assumido pelo "centro", sendo assim se transforma em ideologia, passando a ser proposto como a única realidade.²

Logo, **Pablo Richard** diz: "*As determinações ideológicas situam-se na relação existente entre a realidade social e a consciência social. O problema ideológico não é super-estrutural (como o supunha Marx), muito menos exclusivo da consciência social, mas um problema de relação entre o conjunto da realidade social com todas as instâncias infra e super-estruturais e o conjunto da consciência social.*"³ Esta visão de **Pablo Richard** dá um novo enfoque àquela de **Marilena Chauí** que considera a ideologia como um ocultamento da realidade social produzida através da exploração econômica e dominação política: "*As ideologias ou representações tendem a esconder dos homens o modo real como suas*

relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Este ocultamento da realidade social chama-se ideologia. Por seu intermédio, os homens legitimam as condições sociais de exploração e de dominação fazendo com que pareçam justas e verdadeiras."⁴

Outro conceito de ideologia é o de **Juan Luís Segundo** citando que ao considerar os movimentos revolucionários e transformadores de realidades injustas, só é possível fazer-se parte destes quando "*faz-se uma idéia do fim e dos meios apropriados para este processo.*" Tal idéia é chamada de ideologia - condição necessária para a opção e ação humana.⁵

3 - MARIOLOGIAS E IDEOLOGIAS

A reflexão sobre mariologias e suas respectivas ideologias indica-nos algumas pistas, aponta algumas suspeitas e procedimentos metodológicos a serem observados por aqueles que se dedicam ao estudo da mariologia. Podemos analisar

1. Cf. DURKHEIM, E., *As Regras do Método Sociológico*, pp. 15-16.

2. Cf. DUSSEL, Enrique, *Filosofia da Libertação na América Latina*, pp. 11, 129.

3. Cf. RICHARD, Pablo, *Morte das Cristandades e Nascimento da Igreja*, p. 20.

4. CHAUI, Marilena, *O que é Ideologia?*, p. 21.

5. SEGUNDO, Juan Luís, *Libertação da Teologia*, p. 112.

em duas etapas: na primeira, tentar conhecer o pensamento de diversos autores das mais diversas formações e tendências, enquanto que na segunda etapa, perceber o confronto de suas observações e teorias entre si, com nossas pesquisas históricas e convicções teológicas.

3.1. Mariologia - História - Ideologia

A mariologia para ser compreendida em toda a sua significação (quer a nível simbólico, devocional, teológico, ideológico), deve ter clara sua íntima relação com a história, seus problemas, conflitos e soluções, com as necessidades e expectativas de determinados grupos em determinados momentos. Partindo do descobrimento e instalação dos portugueses no Brasil, constatamos que as primeiras imagens e representações de Maria apresentaram um caráter milagroso e mediano. Expressam a gratidão dos descobridores e colonos por terem atravessado os perigos do mar e sua atitude de expectativa diante das possibilidades inauditas da Nova Terra.

Vejam os por exemplo a relação existente entre algumas fases da História do Brasil e alguns nomes e imagens de Maria:

- Nossa Senhora da Esperan-

ça - uma das caravelas da armada de Cabral.

- Nossa Senhora das Graças - famosa imagem "aparecida" de Caramuru, na Bahia em 1530.

- Nossa Senhora das Maravilhas - Bahia - 1550.

- Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Ajuda, na frota de Tomé de Souza, em 1549. Com o plano de colonização e com a preocupação de garantir-se a posse da terra frente aos índios, como defesa contra os possíveis invasores, surgem as imagens guerreiras.

- Nossa Senhora da Vitória - Salvador - Bahia - celebrando uma vitória sobre os índios (1555).

- Nossa Senhora da Vitória - Rio Paraguaçu - vitória de Mem de Sá sobre os índios (1559)

- Nossa Senhora dos Prazeres - Recife - expulsão dos holandeses nos Montes Guararapes 1656.

- No forro da igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Militares, a Virgem aparece entre nuvens dando força aos brasileiros cristãos contra os holandeses hereges.

- No tráfico negreiro em geral e nos navios negreiros em particular, aparece a imagem de Nossa Senhora do Rosário, símbolo da redução dos escravos à religião católica. Esta imagem,

ligada à ocupação da África pelos portugueses, foi levada ao Congo pelos missionários dominicanos que introduziram a irmandade de Nossa Senhora do Rosário em 1570. Esta devoção veio para o Brasil com os navios negreiros.

Nesta fase, percebemos o rosário como elemento "ponte" entre os costumes religiosos tradicionais africanos e a imposição do uso de símbolos cristãos. Os amuletos africanos foram substituídos por relíquias européias, ou por cordões trançados de folhas de palmas consagradas no domingo de Ramos. As tradicionais "voltas de contas" ao pescoço foram substituídas pelas contas do Rosário. É o que se percebe em um sermão de Vieira, pregado aos escravos em um engenho do Recôncavo Baiano:

"Assim quer que tragais a sua marca a Senhora do Rosário: pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum brachium tuum. As voltas de contas que trazeis nos pulsos e nos pescoços (falo com as pretas) sejam todas das contas do rosário. As do pescoço, caídas sobre os peitos, serão a marca do peito. E as dos

*pulsos, como braceletes, serão a marca dos braços. E uma e outra, assim como no coração como nas obras, serão um testemunho e desengano para todos, de que já estão livres vossas almas do cativeiro do demônio e do pecado, para nunca mais o servir: est posto transmigrationem Babylonis..."*⁶

Já nas "casa-grande" a imagem de Nossa Senhora adquiriu as características patriarcais do ambiente: ela tornou-se aristocrática, ricamente vestida, imponente e branca, bondosa e maternal. Neste ambiente, Maria não aparece sozinha, mas em companhia de São José, de Santa Ana e do Menino Jesus.

Gilberto Freyre diz a respeito da religiosidade da "casa grande": *"Nas cantigas de acalanto portuguesas e brasileiras, as mães não hesitavam nunca em fazer dos seus filhinhos, irmãos mais moços de Jesus, com os mesmos direitos aos cuidados de Maria, às vigílias de São José, às patéticas da vovó Santa Ana. A São José encarregava-se com a maior sem-cerimônia de embalar o berço ou a rede da criança."*⁷

6. Citado em *Historia da Igreja no Brasil*, AAVV, p. 348.

7. FREYRE, Gilberto, *Casa Grande e Senzala*, Volume I, p. 42.

**“Embala, José embala,
que a Senhora logo vem,
foi lavar o cuerinho
no riacho de Belém”.**

E a Santa Ana de ninar os menininhos de colo:

**“Senhora Sant’Ana,
ninaí minha filha,
vede que lindeza
e que maravilha.
Esta menina
não dorme na cama
dorme no regaço
da Senhora Sant’Ana.”**

Neste mundo familiar, feito de bondade paternal a partir de “*casa-grande*” e de submissão penosa a partir da senzala, a imagem de Maria é poderosa, impõe respeito e admiração conforme reza um “*Bendito*” da região do rio São Francisco:

**“Senhora do Patrocínio
Mãe de Deus, Senhora minha,
Na terra vós sois Senhora
E na Glória vós sois Rainha.”⁸**

No século XVIII, dois grandes acontecimentos marcaram este período: a restauração portuguesa após o domínio espanhol e o ciclo da mineração e suas imensas possibilidades de riqueza.

Pela gratidão de *D. João VI*, todos os reinos e senhorios restituídos foram consagrados em nome da Santíssima Virgem Nossa Senhora da Conceição, que foi a primeira imagem venerada em Minas Gerais, na ermida do Ribeirão do Carmo, ulterior à cidade de Mariana. A devoção a Nossa Senhora da Conceição coincide e representa a alegria pela restauração do Reino de Portugal e do triunfalismo do período mineiro no Brasil.

Com estes dados históricos conclui-se com vigor que cada conteúdo mariológico emerge em grupos originários determinados e tem destinatários significantes, que projetam e realizam empreendimentos aos quais necessitam de sentido e justificação. Quando este sentido ou justificação camufla ou encobre a realidade - segundo a visão de Dussel - trata-se de ideologia. Seguindo esta conclusão, percebe-se também com nitidez uma ideologia marial que oculta ou disfarça uma prática de dominação, dando-lhe “*outro sentido*” no qual aflora a “*boa consciência*”, ou a “*consciência de inocência*”⁹ que atribui-se ao dominador frente ao dominado.

3.2. *O Caráter Dialético das Construções Mariológicas*

A História está sempre em processo de mudanças e transformações. A cada momento surgem novas realidades que exigem sentidos e justificações. Conseqüentemente surgem novas utopias que inspiram a busca de soluções para uma melhor interpretação desta ideologia.

A mariologia é ideológica enquanto proposta de sentido e justificação das relações sociais, e, portanto, está sujeita a perda de validade e influência que ocorre quando se transformaram ou deixaram de existir as condições que as geraram e as tornaram procedentes.

Neste sentido, as mariologias antigas quando não respondem às novas situações, perdem sua força de argumentação, são questionadas pelas novas necessidades e interações históricas, entrando em crise e sendo finalmente substituídas por novas interpretações acompanhadas de novas práticas devocionais, dando origem ao caráter dialético nas formulações.

Lembremos brevemente algumas intencionalidades ou signifi-

cações próprias de certos períodos, presentes na recitação do Rosário:

- *Instrumento de penitência para depois da confissão dos pecados. Esta tradição antiga refere-se ao período das entradas e bandeiras, tratando do problema da morte e aprisionamento de índios, da confissão dos bandeirantes e da “certeza de salvação”. “O rosário está ligado à estrutura da confissão, pois é pelo rosário que se faz penitência; é pela reza do rosário que se consegue o perdão após a confissão. Por isso a maioria dos brasileiros anda com o rosário no pescoço, conforme relatam diversos viajantes estrangeiros.”¹⁰*

- *Com a teologia do mérito, articulada pelos jesuítas, o terço ganha uma nova força e integra os Remalhetes Espirituais com o objetivo de acumular bens para a vida futura no céu através de sua recitação.*

- *Instrumento de resignação e aceitação dos sofrimentos atuais e garantia de salvação eterna.¹¹*

- *Obtenção de graças e favores individuais para conseguir emprego, curas, etc. Integra novenas de intercessão.*

- *Para obter a preservação da*

8. Ibidem, p. 349.

9. DUSSEL, Enrique, *Caminhos da Libertação Latino-Americana*, Volume II, p. 94.

10. AAVV, *História da Igreja no Brasil*, p. 310.

11. Ibidem.

fé cristã no mundo e garantia da paz mundial - As seis aparições de Fátima, nas quais a prática da reza do rosário é incentivada.

• *Instrumento de Evangelização com a meditação dos mistérios para populações que não têm dificuldades de leitura e escrita.*

Cada um destes instrumentos que caracterizam o rosário correspondem a uma determinada idéia, ou seja, a uma mariologia. Portanto, não podemos nos basearmos de uma única produção mariológica. O que deve ficar claro para nós é que cada mariologia desempenha uma função histórica e simbólica.

3.3. A Pluralidade das Mariologias - O Papel do Teólogo

Com relação ao papel do teólogo, no propósito de fidelidade aos princípios evangélicos, a questão da pluralidade das mariologias deve levá-lo a distinguir o que pertence ao núcleo da fé e o que faz parte das ideologias, as quais constituem condições necessárias para se optar e praticar a mesma fé,¹² e o que é contrário à fé e às ideologias anti-vida e anti-reino. É importante também analisar se uma

mariologia é fiel às propostas do Reino, se é transformadora ou não, se conduz à prática da fraternidade, da justiça e do autêntico testemunho evangélico ou à alienação espiritualista. Jamais deverá propor uma única mariologia que pessoalmente ou isoladamente considere autêntica, ou que reflexões particulares correspondam melhor com os anseios populares.

3.4. Mariologia - Ideologia - Utopia

A utopia cristã é a instauração e a prática do Reino. Neste sentido a mariologia desempenha um papel importante como um dos instrumentos do rompimento de uma estrutura opressão/dominação, contrária ao projeto do Reino. Neste contexto é que encontramos com frequência as classes subalternas sendo as geradoras de utopias, revelando ideais revolucionários e transformadores, utilizando instrumentos necessários como: o sagrado, a liturgia, os símbolos (Maria), etc.

Henri Desroche faz um breve comentário sobre Gramsci a respeito de utopia: "*A utopia, não só tem valor político, mas filosófico. Toda política é implícita-*

mente uma filosofia, mesmo sendo fragmentária e rudimentar."¹³ Portanto ele considera a religião como uma gigantesca utopia, ou também a maior metafísica presente na História. Por meio dela é que se fermenta entre os homens as idéias de igualdade, fraternidade e liberdade. Acrescenta ainda que "*em qualquer agitação radical das multidões, suas reivindicações são apresentadas de uma maneira ou de outra, sob determinadas formas ou ideologias.*"¹⁴

É neste caráter utópico-religioso da construção do Reino com suas ideologias subjacentes, que Maria é vista como Mãe de Deus e de todos os homens que por serem semelhantes, constituem uma fraternidade universal. Podemos concluir também que tanto no campo religioso, como nos demais setores da sociedade, dá-se o confronto das várias utopias e suas ideologias. A cada uma delas corresponde uma mariologia específica.

3.5. Miriam - A Mulher Semita

Diante dos vários Documentos da Igreja que nos propõem e exortam a imitar Maria, faz-se neces-

sário rever com atitude crítica e com suspeita científica, que imagem de Maria nos é sugerida. Para tanto precisamos contextualizar Maria em seu povo e em seu tempo com alguns questionamentos:

a) *Será que todas as tradições e escolas rabínicas de Israel emitiam as mesmas leis a respeito da mulher? Elas eram unânimes ou se contradiziam?*

b) *Que práticas sócio-político-econômicas haviam por trás das mesmas leis? Elas eram idênticas em todo Israel?*

É a partir destes questionamentos que podemos nos aproximar da Mãe de Jesus, que foi uma mulher pertencente a um povo: a semita do judaísmo tardio e que se chamava Miriam.

Tirar Maria do contexto histórico e situacional de seu povo significa desencarná-la da realidade, que permite a manipulação e apropriação de diversos interesses. A imagem da mulher semita que ultrapassou os séculos e que fixou-se como a mulher do lar, obediente e submissa ao homem e objeto de transações, corresponde a uma falsa visão histórica e às ideologias

12. Cf. SEGUNDO, Juan Luís, *A Libertação da Teologia*, pp. 118-119.

13. DESROCHE, Henri, *Sociologia da Esperança*, p. 31.

14. *Ibidem*.

que estavam a serviço de interesses de certos grupos e círculos israelenses e judeus.

A chave para entender o autêntico lugar da mulher na sociedade semita está no período pré-exílico, no contexto do modo produção tribal. A mulher tinha um papel importante na sobrevivência da identidade do povo hebreu. Por isso ela é considerada como sendo a origem e causadora do povoamento e manutenção da etnia hebraica por todo oriente. O homem não tinha esta importância, pois a garantia da identidade étnica concentrava-se em quem gerava. O pai da criança podia ser de qualquer etnia ou origem. A razão deste fato está no próprio processo de uma produção tribal e nômade.

A mulher semita foi educada desde jovem, consciente que o seu papel na sobrevivência da tribo era muito importante, e sua adesão às tradições tinham uma função espiritual, social e também econômica, pois ao lado do homem dedicava-se à produção no campo. O mesmo acontecia com relação à educação dos filhos.

Portanto, diversos costumes foram se sedimentando e tornaram-se uma prática constante originando novas posturas da mulher semita.

3.6. *As Tradições do Povo e a Mulher*

• Na **TRADIÇÃO ELOÍSTA** - cujo objetivo e projeto era uma economia distributiva, uma sociedade mais igualitária, uma política mais participativa, na qual a mulher tinha um papel preponderante na economia, na política e na sociedade.

• Na **TRADIÇÃO JAVISTA** - tendo por base que a terra era uma conquista de **JAVÉ**, a economia era menos distributiva, pois só tinha acesso à terra os eleitos e os que faziam parte da aliança. A política era menos participativa com formação de vários partidos, a sociedade menos igualitária e a mulher tinha seu papel reduzido por leis, que tinham a pretensão de protegê-la, tais como:

HALAKAH  - os *midrash* (comentários bíblicos)
- a *mishnah* (repetição e estudo da lei oral) não citando trechos da escritura

• Na **TRADIÇÃO SACERDOTAL** - Nesta tradição a economia passou a ser centralizada pelo templo. Todos ocupavam funções determinadas e exerciam profissões que se dividiam entre puras e impuras. A política era teocrática e a religião concentrava-se em dois pólos:

- *O Templo de Jerusalém*
- *O missionário ou peregrino onde surgiu a tradição levítica.*

A tradição Levítica foi construindo as leis rígidas a partir da interpretação da **TORAH** (O Livro da Lei) Desta tradição surgiram a Mishnah escrita, a Gemara que foi o comentário escrito da tradição oral e a Banaytot nas tradições omitidas na Mishnah. Estas três constituíram-se no **TALMUDE**. Nesta tradição a mulher teve seu espaço reduzido ao lar, à procriação e aos deveres de esposa, mãe e filha.

• Na **TRADIÇÃO DEUTERONOMISTA** - A terra era bênção de Deus - do Eterno. A posse da terra era bênção e tudo o que ela produzia era administrado pelo homem. A sociedade era nômade; a política participativa com presença de um conselho dos mais ve-

lhos. A mulher participava da bênção da terra. Era considerada como a responsável pela manutenção da bênção. O órfão, a viúva e o estrangeiro eram um dom de Deus, portanto eram respeitados com justiça.

3.7. *Maria e sua Possível Tradição*

Miriam, a Mãe de Jesus era partícipe da tradição eloísta, uma vez que era da Galiléia, região norte. Jesus era judeu porque sua mãe era judia. Ela era solidária com as pessoas de seu povo, ajudava a família no processo produtivo e sentia que tudo era bênção e dom. Participou na educação e formação de Jesus, principalmente nos costumes da tradição e cultura judaica. Se não participava de todos os atos religiosos na sinagoga, fazia-o em casa preparando o culto doméstico que sedimentava as festas públicas. Inclusive nas Festas do Purim, das Luzes e das Tendas eram as mulheres que presidiam os atos religiosos.

Miriam, a Mãe de Jesus, foi arrancada da tradição semita e transformada pelas comunidades gregas e romanas como uma mulher de costumes helênicos e romanos. No decorrer da História, Maria foi transformada de mulher simples de um povo oprimido da sociedade judaica, em mulher cujas

imagens e costumes eram de mulheres da classe dominante: senhoras patrícias, bizantinas, feudais, as mulheres da burguesia mercantil e renascentista ou da nobreza sofisticada.

Portanto, imitar Maria, seguir Maria, não significa mais imitar Miriam a Mãe de Jesus de sangue e costumes semitas, mas sim as mulheres de virtudes gregas, romanas, bizantinas, européias da classe dominante. Maria recebeu outras roupagens, bem longe do seu contexto original, histórico, cultural e religioso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mariologias foram forjadas na transitoriedade histórica e se manifestam segundo as situações e as culturas dependendo do caráter dialético da realidade. Porém, a força que se abstrai das mariologias não se apresentam apenas como "memória" ou como "herança", mas como presença que convoca e lança para a construção do futuro, possuindo assim um caráter histórico.

Maria se apresenta para os cristãos como um símbolo polissêmico. Tentar reduzir a mariologia a uma univocidade em nome de uma "desideologização" é uma tentativa ideológica, uma vez que

por detrás estão sempre razões e interesses que privilegiam apenas um de seus vários conteúdos.

A utopia do Reino coloca o ideal renovador e revolucionário da Mariologia, portanto não podemos torná-la libertadora sem elaborar uma idéia do fim e dos meios apropriados para este processo. Ninguém se une a um projeto utópico senão intencionalmente, de maneira ideológica (mesmo de forma inconsciente), na busca da verdade e dos valores que correspondam à sua existência e aspirações vitais. Sendo assim, a ideologia mariana enquanto instrumental da utopia do Reino não é expressão de alienação, mas possibilidade de prática transformadora. Possui a mariologia assim, uma força evangelizadora, convocadora de união, comunhão e de novas relações fraternas e sororiais.

BIBLIOGRAFIA

- CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*, São Paulo, Brasiliense, 1984.
- DUSSEL, Enrique. *Filosofia da Libertação na América Latina*, São Paulo, Loyola, 1980.
- _____. *Historia General de la Iglesia en América Latina*, Salamanca, Ed. Sígueme, 1983.
- _____. *Caminhos de Libertação Latino-Americana*, 4 volumes,

- São Paulo, Paulinas, 1984.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.
- HOORNAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro*, Petrópolis, Vozes, 1973.
- MADURO, Otto. *Religião e Luta de Classes*, Petrópolis, Vozes, 1981.
- PAULO VI, *Documentos Pontifícios 175, Devoção a Maria*, Petrópolis, Vozes, 1969.
- RICHAR, Pablo, *Morte das Cristandades e Nascimento da Igreja*, São Paulo, Paulinas, 1982.
- SEGUNDO, Juan Luís. *Libertação da Teologia*, São Paulo, Loyola, 1978.
- VV.AA. *História da Igreja no Brasil*, Cehila, Petrópolis, Vozes, 1979.

- VV.AA. *La Esperanza en el Presente de América Latina*, Costa Rica, DEI, 1983.
- VV.AA. *Concílio Ecumênico Vaticano II, Constituição Dogmática Lumen Gentium*, São Paulo, Paulinas, 1967.
- VV.AA. *A Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Paulinas, 1981.

Ivone Margarida Bock é filha de mãe hebréia, teóloga leiga e mestranda em Missiologia na Faculdade de Teologia N. S. da Assunção.

Maria Angela V.M.F. Almeida é teóloga leiga, mãe e esposa.
Endereço das articulistas:
Av. Brig. Luís Antonio, 945 - 9o. andar
Apt. 905 - Bela Vista - SP
CEP 01317-001